



| GESTÃO • MARCO ANTONIO TEIXEIRA

POLÍTICO OU GESTOR? PROVOCAÇÕES DESSE FALSO DILEMA

O triunfo de João Dória, eleito atual prefeito de São Paulo, a possível candidatura de Roberto Justus à presidência da república em 2018 e a eleição de outros *outsiders* com discursos marcados pela rejeição aos políticos – mesmo que estejam competindo em partidos tradicionais – vêm despertando uma retórica tentadora ao ambiente eleitoral em tempos de escândalos de corrupção: a ideia de que o político é responsável pelas mazelas do país e de que o gestor é a solução para todos os problemas públicos, principalmente se em seu currículo constar uma exitosa experiência na direção de uma empresa.

Essa questão é uma novidade na realidade brasileira, de modo que se tornou uma mera simplificação eleitoral e não está colocada de maneira adequada. O que se propõe nessa dinâmica é que o empresário (e não o profissional tecnicamente preparado para exercer cargos públicos) ocupe o lugar de governante. Além disso, que ele traga a cultura empresarial, sem ponderar que a gestão governamental não pode abrir mão da construção de acordos, de escolhas fundamentadas no interesse público e de decisões que busquem diminuir conflitos e se aproximar do consenso.

Dito isso, é importante lembrar que a reflexão sobre política e gestão foi orientada inicialmente pelos textos clássicos de Woodrow Wilson e Max Weber na primeira metade do século XX, que abordavam, com algumas diferenças, os papéis de políticos e burocratas. O ponto central do debate era a existência de uma linha que separava o papel do político e o papel do burocrata. Ao político, caberia decidir os planos e as ações governamentais. Ao burocrata, implementar tais planos, considerando suas qualificações e preparo

técnico. Com o passar do tempo – e uma administração pública cada vez mais complexa –, tal divisão passou a não fazer mais sentido. Nos dias de hoje, os políticos não podem ignorar o conhecimento técnico ao embasar suas propostas e justificar suas escolhas, da mesma forma que a implantação de planos e ações governamentais não pode dispensar os aspectos técnicos para aplicar as decisões políticas.

Se for eleito, o empresário também será político e terá que negociar para alocar recursos públicos, ceder aos diferentes interesses para conquistar maioria no parlamento e abrir a máquina governamental para acomodar aliados.

Desde a sua candidatura até o êxito eleitoral, a marca da política convencional é evidente no caso de João Dória. Ele precisou da interferência de Geraldo Alckmin para vencer as prévias em seu partido – o governador de São Paulo atraiu apoio de outros partidos oferecendo cargos no governo estadual. Além disso, para consolidar sua base de apoio parlamentar, Dória abriu seu governo a partidos aliados.

O gestor também não se diferencia do político em outra frente: suas ações serão fiscalizadas pelos órgãos de controle e seu governo será testado pelo voto, de modo que o eleitor poderá premiá-lo com um novo mandato ou impedir sua continuidade. O dilema entre “político ou gestor” à frente de governos não é apenas falso, mas também uma retórica que se baseia no mero oportunismo eleitoral.

O DILEMA ENTRE
“POLÍTICO OU GESTOR”
NO GOVERNO NÃO
É APENAS FALSO,
MAS TAMBÉM UMA
RETÓRICA QUE SE
BASEIA NO MERO
OPORTUNISMO
ELEITORAL.

PARA SABER MAIS:

- Edmundo Campos. *Sociologia da Burocracia*, 1971.
- Woodrow Wilson. *The study of administration*. *Political Science Quarterly*, v. 2, n. 2, 1887.